

RESENHA DE AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Aquisição de segunda língua*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Aquisição de Segunda Língua é o mais recente livro da professora Dra. Vera Menezes de Oliveira e Paiva. A obra lançada no ano de 2014 vem corroborar a maestria com que a autora aborda os aspectos relacionados ao processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Pesquisadora de renome na área, Paiva atua em estudos sobre ensino, linguagens e tecnologias, garimpando constructos teóricos dentro dessas linhas, contribuindo de forma abundante para a Linguística Aplicada.

Neste livro, Paiva (2014) propõe uma visão geral das principais teorias de aquisição de segunda língua (ASL), levando em conta os contextos sociais diversos. A autora resolveu trazer para o contexto brasileiro algumas teorias e modelos de aquisição já existentes e tem como um dos seus objetivos dar voz aos aprendizes frente a essas diferentes formas de adquirir uma segunda língua. Ela justifica que não usará o termo mais recorrente de língua adicional porque acredita que a aquisição de segunda língua é, ainda, uma expressão bastante utilizada e denomina um campo muito fértil de pesquisa. O livro está organizado em dez capítulos, cada um abordando uma teoria de aquisição de segunda língua, com exceção do capítulo dez, que resume brevemente quinze teorias. Ao final de cada um dos nove capítulos são incluídos excertos de histórias de aprendizagem relacionadas aos pressupostos daquela teoria.

A primeira teoria a ser abordada é a precursora de vários modelos de ensino de línguas. Trata-se da *Teoria Behaviorista-Estrutural* (capítulo 1), também chamada de behaviorista ou empirista. Segundo Paiva (2014), ela não propõe uma formulação teórica específica, mas princípios linguísticos e psicológicos para explicar a linguagem. Tendo predominado por duas

décadas após a segunda guerra mundial (ELLIS, 1994 apud PAIVA, 2014), esta teoria teve como inspiração as teorias de aprendizagem dos psicólogos Watson (1924) e Skinner (1957). O behaviorismo propõe o estudo de evidências comportamentais, sendo uma psicologia objetiva, em oposição ao subjetivismo. Watson (1924), que se intitula o fundador do behaviorismo, rejeita a consciência do subjetivismo e defende, conseqüentemente, a pesquisa experimental. Segundo ele, esta teoria limita-se a formular sobre os fenômenos observáveis. Assim, como apresenta Paiva (2014), ele explica o comportamento em termos de estímulos e respostas e define língua como um tipo simples de comportamento, um hábito manipulável, considerando sua aprendizagem como uma questão de condicionamento. Já Skinner (1992), que, segundo a autora, é o nome mais lembrado quando se fala de ensino de línguas e behaviorismo, define comportamento verbal considerando a mediação de outra pessoa. Partindo desses autores, Paiva (2014) chega ao estruturalismo de Bloomfield e Robert Lado, nas quais apresenta as críticas feitas, especialmente por Lado (1964), ao método de gramática e tradução. Este autor propõe uma teoria moderna para a aprendizagem de língua, buscando apoio na psicologia da *Gestalt*, ou pelo comportamento observável. Neste mesmo capítulo, Paiva (2014) apresenta a crítica de Chomsky (1959) a esta teoria, contrapondo principalmente em relação à limitação das relações de *input-output* propostas. Ele rejeita também a transposição de experimentos com animais sobre condicionamento para a aprendizagem humana. Paiva (2014) conclui que esta teoria da ASL leva em conta apenas o ambiente linguístico e os estímulos, mas não considera os mecanismos internos do aprendiz. Ela ainda afirma que esta teoria não apresenta argumentação convincente sobre ASL, embora não negue a sua influência no ensino de línguas e nos conceitos de língua nos livros didáticos até hoje.

Ao apresentar o *Modelo Monitor, Hipótese do Input ou da Compreensão* (capítulo 2), a autora aponta que a importância de Krashen

(1978) e esse seu modelo de aquisição “está para a linguística aplicada assim como Chomsky e sua teoria gerativa está para a linguística” (PAIVA, 2014, p.27). A autora segue explicando o modelo monitor, apresentado na segunda metade dos anos 1970 e analisa os seus argumentos, que considera ambientes formais e informais. A autora discute as funções do *intake*, que é a aquisição ótima do *input*, e do *output* neste modelo e resume as cinco hipóteses de Krashen. Em seguida, a autora apresenta as críticas ao modelo, começando pela reação da comunidade científica especialmente em relação à aquisição pelo *intake*, citando Ellis (1985), Gass e Selinker (1984), Mac Laughlin (1987), Mitchel e Myles (2004) e muitos outros que não foram convencidos do modelo. Na sequência, Paiva (2014) relata as críticas respondidas por Krashen, que se antecipou às críticas, apresentando cinco possíveis argumentos contra a hipótese do *input*, rebatendo a cada uma delas. Na conclusão do capítulo, Paiva (2014) descreve o modelo de Krashen como “linear, tanto na relação de causa e efeito que estabelece entre *input* e aquisição quanto na sua visão de sintaxe, como uma sequência de itens ordenados” (p.50). Ela defende, portanto, que a aquisição é algo bem mais complexo.

Quando aborda o *Modelo da Aculturação* (capítulo 3), apresenta-se a tentativa de Schumann (1978) de identificar as causas da aquisição de segunda língua em contexto natural. Paiva (2014) menciona os nove grupos nos quais se enquadram os fatores que influenciam a aquisição segundo o autor: social, afetivo, personalidade, cognitivo, biológico, aptidão, pessoal, instrucional e insumo linguístico. A autora explica que para Schumann (1978) a aquisição é resultado da aculturação e que ele divide esta em dois tipos: no primeiro, as condições para aquisição proporcionam o contato suficiente para que o aprendiz possa absorver o insumo das interações sociais e na segunda, que vai além da primeira, o aprendiz vê os falantes da língua-alvo como referência, procurando adotar os seus valores e estilo de vida, que caracterizam uma aquisição bem-sucedida. A autora aponta as variáveis

sociais que influenciam no grau de aculturação de Schumann e como ele entende cada uma delas: os padrões de dominação, estratégias de integração, fechamento, coesão e tamanho, congruência ou similaridade, atitude e tempo de residência pretendido. Em seguida, ela apresenta também as variáveis afetivas: choque linguístico e cultural, motivação e permeabilidade do ego. Paiva (2014) afirma que este modelo “enfoca apenas a questão da integração social e psicológica do aprendiz com o grupo da língua-alvo e não explica a aquisição em contextos onde a língua não é falada” (p.58). A autora finaliza o capítulo afirmando que “na perspectiva da complexidade, a ASL não pode ser atribuída apenas a questões de aculturação” (PAIVA, 2014, p.54).

Na introdução que faz ao *Modelo da Gramática Universal* (capítulo 4), Paiva (2014) afirma que “Chomsky (1976) vê a língua como ‘um espelho da mente’” (p.65) e analisa as principais ideias do autor desde o livro *Syntactic Structures* (1957) até o programa minimalista. Neste livro, que dá origem à teoria chomskiana, o autor define língua como “um conjunto (finito ou infinito) de frases, cada uma finita no seu tamanho e construída a partir de um conjunto finito de elementos” (CHOMSKY, 2002, p. 13 apud PAIVA, 2014, p. 66). Em seguida ela apresenta o segundo livro marcante na teoria, *Aspectos da teoria da sintaxe* (1965), no qual o autor apresenta a famosa dicotomia competência/desempenho, que ele associa a *langue* e *parole* de Saussure. Nesta mesma obra encontra-se também o conceito do dispositivo de aquisição de linguagem (DAL). Ela esclarece que “a teoria chomskiana não se ocupa da aprendizagem de línguas estrangeiras, mas da gramática universal” (PAIVA, 2014, p.73), embora ele acreditasse que alguns contextos são multilíngues. Assim, ela apresenta as convergências e divergências para os pesquisadores em ASL que se baseiam na teoria da GU e conclui com a afirmação de que estes pesquisadores “ficam devendo a seus leitores um consenso em relação ao papel da GU na ASL e uma teoria que explique

quais são os princípios ou processos universais na aquisição de qualquer língua estrangeira” (PAIVA, 2014, p.84).

Discutindo o papel do *Modelo Conexionista* (capítulo 5), Paiva (2014) cita Ellis (1999) para falar que esse modelo explica a ASL pelo viés da cognição, “em termos de representações mentais e processamento de informação” (p.85). Assim, esse modelo estuda a mente por uma perspectiva computacional, considerando os conceitos de *input* e *output*. Segundo a autora, este modelo “rejeita a hipótese da linguagem como uma faculdade inata e, assim como o behaviorismo, defende o associacionismo que postula ser a aprendizagem fruto de associações entre informações” (PAIVA, 2014, p.86). Deste modo, as críticas que este modelo recebe são semelhantes às que são feitas ao behaviorismo e ao associacionismo. No conexionismo, o conhecimento linguístico é concebido como redes neurais. Segundo Paiva (2014), “o modelo conexionista não nega a existência de um mecanismo inato de aquisição, mas considera que o convívio com o uso social da linguagem (oral ou escrito) é essencial para a aquisição” (p.98).

Ao discutir a contribuição da *Hipótese da Interação* (capítulo 6), a autora cita a contribuição de Hatch (1978) para a concepção do discurso como origem da ASL, que busca evidências nos estudos de Keenan (1975), ao demonstrar o discurso-conversaão como propiciador da aquisição da sintaxe da língua. Nessa teoria, consideram-se similitudes entre a ASL às estratégias da criança ao aprender a primeira língua. Apresentam-se as dificuldades do aprendiz de L2, ao interagir com um nativo, valendo-se de mecanismos diversos, tais como repetições, reparos da fala, pedidos de repetição e esclarecimentos, elementos contextuais e gestos. Hatch (1978) atenta para a importância da transcrição de dados nesse tipo de pesquisa, de modo a não comprometer a interpretação dos enunciados. Paiva (2014, p.101) destaca ainda o postulado de Long (1980), que considera o papel da participação ativa dos aprendizes de língua no recebimento de *input*. A autora exemplifica as estratégias interacionais na pesquisa de Long (1980)

em ASL, utilizado pelo aprendiz nos esforços comunicativos. Paiva (2014) traz a crítica de Ellis (1991) sofrida pela teoria da hipótese da interação, que ressalta a falta de explicação de Long, quando ele mesmo, reconhecendo a insuficiência do input, não diz de que forma isso se dá. Ellis, procurar revisar o aspecto carente da teoria, de modo a fazê-la avançar, mas seu suporte também é insuficiente. Paiva (2014) apresenta evidências em quatro narrativas de aprendizagem da ASL por meio da teoria em questão: a primeira coletada no Japão, a segunda, a terceira e a quarta partem do corpus brasileiro, sendo que reforçam a ideia de que o input compreensível não é suficiente para a ASL. A autora finaliza a ilustração da teoria, considerando que embora a interação seja uma das premissas básicas da ASL, elementos destacados em outras teorias também devem ser levados em conta

Abordando as *Hipóteses do Output ou da Lingualização* (capítulo 7), Paiva (2014) cita Swain (1985, 1995, 2005) como reconhecidora da importância do input para a ASL, bem como da interação na qual há negociação de sentido. Ainda assim, Paiva (2014) alerta para a necessidade de prestar atenção no input-output. Swain (1985) amplia a ASL por input, ao compreender a importância do output compreensível no processo de interação na ASL. Swain, ao longo de seus estudos utilizou entrevistas estruturadas para analisar as competências gramatical, discursiva e sociolinguística, concluindo a insuficiência do input compreensível para a ASL. Embora os aprendizes do estudo tivessem sido expostos por sete anos ao input compreensível, eles não haviam adquirido algumas funções da linguagem. Assim, ao considerar que faltava o output, ela acrescenta que a ASL se dá no seu uso, “se aprende a falar falando” e o significado estaria pautado na “negociação de sentido”. Nesse sentido, o output propiciaria a testagem de hipóteses pelo aprendiz. Também haveria o deslocamento do processamento semântico ao sintático, pelo sujeito na ASL. Swain, ainda defende que a língua-alvo aumenta a fluência e precisão linguística. A partir

disso, Paiva (2014) apresenta as três funções do output: de percepção (reconhecimento do que não sabem, por meio da lacuna entre o que se quer dizer e que se faz); de testagem de hipóteses (produção para testar o que funciona e o que não funciona); de função metalinguística (acontecimento da aprendizagem por meio da reflexão sobre a linguagem produzida). Paiva (2014) acrescenta a perspectiva de Swain (2000) com relação à importância do diálogo na construção de conhecimento linguístico como uma oportunidade de uso e reflexão sobre a língua. Em concordância com Van Lier (2000) e Kramsch (1995), Swain (2000) critica a metáfora do output, como um conceito restrito ao processamento de informações. Devido a essa discordância, Swain (2006) emprega o termo *lingualização*, por entender tal processo como dinâmico e ilimitado, concebendo a ideia de linguagem como uma atividade. Paiva (2014) aponta a crítica de Krashen (1998) ao modelo de Swain, como uma hipótese fraca e posiciona-se considerando um meio-termo entre constatações de Krashen e Swain, pois defende que o processo de aquisição não é linear. Paiva (2014) arremata este capítulo apresentando algumas evidências em narrativas de aprendizagem para demonstrar como os aprendizes veem o papel da *lingualização*.

Ao expor a *Teoria Sociocultural* (capítulo 8), a autora menciona Vygotsky como um dos principais teóricos influentes dos estudos socioculturais de Lantolf (1994, 2000, 2002, 2010) e outros autores. Essa teoria, segundo Ratner (2002, apud LATHOLF; THORNE, 2007, p.201), argumenta as ações da mente humana como um processo essencialmente mediado. Paiva (2014) apresenta alguns conceitos basilares dessa teoria, como a mediação e a zona próxima ao desenvolvimento. A mediação é trabalhada como um elemento condutor da aprendizagem (Vygotsky, 1997), revelando propiciamentos linguísticos se utilizada de maneira engajada (Van Lier, 2000). A zona próxima ao desenvolvimento-ZPD é definida por Vygotsky (1978) como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial, sob a

colaboração de colegas com maior rendimento. A partir disso, Wood, Bruner e Ross (1976) desenvolveram a metáfora do andaime, considerando o processo colaborativo. Paiva (2014), explica que o mediador motiva o aprendiz, diminuindo a dificuldade da tarefa, ajudando por etapas, estimulando a continuidade no prosseguir, destacando aspectos relevantes, tentando reduzir frustrações, modulando soluções para a tarefa. A autora apresenta algumas narrativas de aprendizagem do corpus da AMFALE, a fim de exemplificar a mediação no aprendizado de línguas. Paiva (2014) aborda a mediação por especialista, em pares e a automeiação, que segundo Lantolf (2002) se manifesta na fala autodirecionada em enunciados disfarçados quando o aprendiz pergunta e conversa com ele mesmo. Essa fala privada, com o amadurecimento das habilidades mentais pode vir a se transformar numa fala interior. A partir desse capítulo Paiva (2014) não mais apresenta críticas ao modelo/teoria e conclui dizendo que a aquisição de uma língua se dá através de processo colaborativo por meio do qual os aprendizes se apropriam da língua de sua própria interação para seus objetivos.

Ao discutir a *Aquisição de Segunda Língua na Perspectiva da Complexidade* (capítulo 9), Paiva (2014) destaca Larsen Freeman (1997, 2002, 2007) como o nome mais importante no tema complexidade e ASL. A autora explica que “o postulado básico da teoria do caos é o de que existe uma ordem subjacente à aparente desordem” (PAIVA, 2014, p.141). Larsen-Freeman (1997) caracteriza os sistemas complexos como dinâmicos, caóticos, não lineares, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais e a feedbacks, abertos, autoorganizáveis e adaptativos. Paiva (2014) argumenta que a língua(gem) é um sistema dinâmico, não linear e adaptativo, composto por interconexão de elementos bio-cognitivo-sócio-histórico-culturais e políticos que permitem o pensamento e a ação na sociedade (PAIVA, 2011a, 2011b). A autora defende que assim como a língua(gem), a ASL é um sistema dinâmico adaptativo e complexo, em que há muitos

elementos em interação. Paiva (2014) cita Starf (1998) quando diz que “a língua nunca é adquirida, dela se participa”. A língua nessa perspectiva é vista como um fenômeno irregular, em progressão sequencial. A ASL apresenta-se com um sistema aberto em que, segundo a autora, novos elementos vão entrando na interlíngua, que vai permanentemente se autoorganizando. Paiva comenta que desde 2002, vem tentando entender o fenômeno da ASL à luz da complexidade. Em concordância com Van Lier (1996), a autora acredita que “a aprendizagem é o resultado de interações complexas (e contingentes) entre o indivíduo e o ambiente”. Paiva (2014) chegou à conclusão de que, na teoria da perspectiva da complexidade, é possível estabelecer uma conciliação entre as principais teorias que disputam a primazia na explicação da aquisição da língua(gem). A autora representa graficamente a ASL como sistema complexo, ilustrando em seu modelo as diversas interferências nesse processo de aquisição. Paiva (2014) conclui este capítulo sobre a perspectiva da complexidade, argumentando que por essa ótica é possível compreender a ASL como “um processo de transformação, de mudança, que envolve muitos fatores, entre eles, a autonomia e a identidade”. A autora ressalta a importância das ações na língua pelo aprendiz, de modo a oportunizá-lo a participar ativamente de práticas sociais diversas favorecidas pela linguagem.

Em *Outras Teorias* (capítulo 10), como o próprio título sugere, Paiva (2014) apresenta um resumo de outras 15 teorias, sendo elas: Modelo ACT; Teoria do pensamento da informação; Abordagem funcional tipológica; Abordagem orientada para o conceito; Modelo da Competição; Teoria neurofuncional; Teoria da interlíngua; Modelo interacionista-cognitivo, Modelo da competência variável; Modelo multidimensional; Teoria CREED associativo-cognitivo; Teoria da acomodação; Abordagem da identidade; Teoria da atividade e Modelo dialógico. O Modelo ACT, proposto por Anderson (1976), trata-se do controle adaptativo do pensamento, em que se compreende a linguagem como um sistema totalmente cognitivo, dividindo

o conhecimento entre declarativo e processual. A teoria de processamento da informação tem como principal defensor McLaughlin, cujo autor percebe a aprendizagem como uma progressão de estágios. A teoria funcional tipológica baseia-se na linguística funcional, partindo do pressuposto de que a forma está a serviço da função. A abordagem orientada para o conceito defende que a necessidade de expressão de um conceito acarreta a aquisição da forma necessária. O modelo da competição, proposto por Bates e MacWhinney (1982), acredita na indissociabilidade entre forma e função. A teoria neurofuncional, de autoria de Lamendella (1977) compreende a ASL com base nos sistemas neurofuncionais e consoante Ellis (1985, apud Paiva, 2014) acredita-se na relação entre a função da linguagem e anatomia neural. A teoria interlíngua, de Corder (1967), disseminada por Selinker (1972) considera a importância da língua materna no processo de ASL. O modelo cognitivo-interacionista proposto por Andersen (1988) baseia-se no modelo de aquisição da primeira língua de Slobin. O modelo da competência variável proposto por Ellis (1985) baseia-se nas distinções entre o processo de uso da língua e o produto, pensando o modo como uma língua é apreendida e usada. O modelo multidimensional é resultado de grupo de pesquisa coordenado por Meisel (1970) que acredita numa interface da ASL, a qual apresenta de um lado sequência rígida de desenvolvimento de certos aspectos da linguagem sem interferência dos aspectos do aprendiz e do ambiente, e por outro uma sequência variacional para outros aspectos da linguagem que responde a diferenças no aprendiz ou na situação. A teoria CREED associativo-cognitiva proposta por Ellis (2007) defende que a ASL está baseada na construção racional, impulsionada por modelos, sendo emergente e dialética, seguindo leis associativas e cognitivas. A teoria da acomodação postula que os indivíduos mudam seus comportamentos comunicativos para indicarem suas atitudes em relação ao interlocutor. A abordagem da identidade fundamenta-se na teoria de Norton Pierce (1995) e Norton (2000) destaca as

relações de poder nas interações sociais entre aprendizes de segunda língua e falantes da língua-alvo, salientando os conceitos de investimento, comunidades e identidades imaginadas. A teoria da atividade parte da ideia da mediação de Vygotsky por meio de signos e artefatos culturais enriquecidas pelas noções bakhtinianas da linguagem, focando o indivíduo agindo em contextos sociais. O modelo dialógico de Johnson (2004) combina a teoria sociocultural com o dialogismo, por acreditar na conciliação dos aspectos mental e social, em uma relação dialética.

Destarte, Paiva (2014) propicia ao leitor de *Aquisição de Segunda Língua* uma viagem panorâmica pelos principais métodos, teorias e abordagens de ASL, contribuindo amplamente para a compreensão do cenário de ensino-aprendizagem de segunda língua. Por meio dessa obra capaz de fascinar desde os estudiosos do campo da linguística até os curiosos sobre o processo de aquisição de uma língua, a autora possibilita uma rica compreensão dessa seara, oportunizando tanto o reconhecimento identitário de um modo de ensino, como a possibilidade de enxergar tal processo dentro das múltiplas inter-relações entre essa gama de crenças sobre a ASL.

REFERÊNCIA

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Aquisição de segunda língua*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

Jadson Borges¹

Laís Lemos²

¹ Mestrando em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.

² Mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC.